

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>3</b>
<b>INFORMAÇÕES GEOGRÁFICAS</b> .....	<b>4</b>
<b>CULTURA E TRADIÇÕES BAKONGO NOS TEMPOS MODERNOS.</b> .....	<b>5</b>
<b>A CULTURA E TRADIÇÕES BAKONGO NOS TEMPOS MODERNOS E A SUA TRANSMISSÃO.</b> .....	<b>5</b>
<b>CONTRIBUIR NA SALVA GUARDA DO KIKONGO</b> .....	<b>5</b>
<b>CONHEÇA O POVO BAKONGO</b> .....	<b>6</b>
<b>KINZONZI NOS BAKONGO</b> .....	<b>6</b>
<b>CONTOS E LENDAS EM KIKONGO</b> .....	<b>13</b>
<b>ÓBITOS NOS BAKONGO</b> .....	<b>13</b>
<i>TOPICO: CONHEÇA O POVO BAKONGO</i> .....	<u><b>14</b></u>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>NOTAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	<b>16</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar da evolução e modernismo, os bakongo continuam a observar a sua trajetória cultural e vive segundo as tradições antigas. Sim, muitos podem discordar desta afirmação, isto depende de como definir o que se chama '*viver segundo as tradições antigas*'. Mesmo no tempo das novas tecnologias, o mukongo não deixa ser levado no '*abismo cultural*'. Pode não ser uma prática na íntegra, mas os rituais mais importantes são praticadas. Estas práticas determinam a identidade bakongo, tornando viva as tradicoes dentro das comunidades.

## **Informações geográficas**

## **Cultura e tradições bakongo nos tempos modernos.**

Não é de estranhar quando muitos jovens das famílias bakongo depararam na necessidade de conhecer algo sobre as tradições kongo. De facto, isto assinala o início duma revolução retro cultural. No entender de muitos, esta revolução marca um passo significativo na conservação da cultura e tradições bakongo. Quando algo deste acontece no tempo de grandes desafios, a sua importância vai acentuar-se mais. É verdade que precisa-se criar métodos que ajudam a juventude para facilmente aprender sobre as suas origens. A cultura kongo vive um défice que dura décadas e tudo indica que levará muito tempo para equilibrar-lho; mas não é impossível.

O maior problema na origem deste défice foi a fraca ou quase a inexistência da remissão e salva guarda dos valores culturais kongo. Estes valores tiveram como único veículo, a transmissão oral. Privados da realidade cultural no seio da comunidade, os jovens oriundos ou com descendências bakongo, foram prejudicados culturalmente. Ao longo do tempo a juventude viveu do vazio tradicional cujas consequências, o que se vê hoje.

### **A cultura e tradições bakongo nos tempos modernos e a sua transmissão.**

Nos tempos modernos, com uso das novas tecnologias, as coisas podem ter outra dimensão se houver vontade por parte da comunidade bakongo. Esta vontade deve ser expressa no ensino e aprendizagem da cultura e tradições kongo. Tudo se deve passar numa forte mobilização no seio das famílias e comunidades. Esta será a arma forte que os bakongo têm na sua recuperação do declínio registado na transmissão da cultura e tradições kongo. É preciso repôr o comboio nos carris para uma viagem segura; culturalmente falando.

### **Contribuir na salva guarda do Kikongo**

Um dos objectivos desta plataforma é a criação dos mecanismos da conservação das tradições kongo. Contribuir de forma que a cultura kongo não caia no buraco do esquecimento. Sempre que se pode encontrar vestígios delas algures, estes podem ajudar a ‘ressurreição’ do Kikongo da sua morte lenta.

Tudo que se pode fazer para defender o que sobrou do reino do kongo (a língua kikongo e as tradições bakongo), não pode ser tomado a leveza. Muitas iniciativas têm sido tomadas, mais continuam a não ser suficientes. Deve-se embarcar numa outra viagem de esperança, com uma nova expectativa – de restorar a imagem da língua kikongo, assim como a cultura kongo em todo ela. O caminho é longo mais não é impossível caminhar-lha. O que é impossível restará impossível até que se prova o contrário. É preciso coragem para enfrentar a realidade e combater o negativismo.

## **Conheça o povo bakongo**

O povo Bakongo é um grupo étnico Bantu que vive numa larga faixa ao longo da costa atlântica de África, desde o Sul do Gabão até às províncias angolanas do Zaire, Uíge e Cabinda, passando pela República do Congo, República Democrática do Congo.

Em Angola é o terceiro maior grupo étnico Os Bakongo, cuja língua é o kikongo, ocupavam o vale do rio Congo em meados do século XIII, e formaram o reino do Kongo, que, até à chegada dos portugueses, no fim do século XV, era um reino forte e unificado, cuja capital era M'Banza Congo, ficava na actual província angolana do Zaire.

Durante a guerra colonial, muitos Bacongos fugiram para o então Zaire, levando a uma considerável diminuição da presença dessa etnia em solo angolano. No entanto, após a independência de Angola, muitos refugiados (ou seus filhos e netos) retornaram a Angola. Mesmo assim, não se chegou mais a atingir os valores demográficos de 1960, quando os Bakongos representavam 13,5% da população angolana, contra os actuais 8,5% (estimativa).

Importa salientar que os regressados do Zaire (hoje República Democrática do Congo muitas vezes não voltaram a fixar-se no seu habitat original, mas foram viver nas grandes cidades – sobre tudo em Luanda, mas também mais a Sul, inclusive no Lubango. Culturalmente, o povo Bakongo desenvolveram-se em áreas distintas tais como: escultura, gravura, feitura de máscaras, tecelagem, pintura e arquitectura. Foram habilíssimos manuseadores do ferro, de onde surgiu uma sociedade secreta ligada a este ofício. Fabricavam utensílios domésticos, de trabalho agrícola, objectos de culto e obras de arte.

A tradição oral deste povo é riquíssima, com espaço para os provérbios, contos, epopeias e pequenas histórias. Um dos grandes destaques destes povos recai para a importância dada à família e ao casamento, realizado através do ritual do Alambamento, que emancipava a mulher como fonte da vida, família, civilização e do poder.

## **Kinzonzi nos bakongo**

Kinzonzi é uma das tradições mais antigas do povo kongo. Como outras tradições kongo, este ato é de passagem oral entre gerações ele é observado como elemento chave das reuniões bakongo.

Para situar e conhecer melhor esta rica tradição bakobgo, serão partilhadas experiências dos acontecimentos que marcaram este evento nas diversas comunidades bakongo. Mas antes de tudo, seria melhor falar mais um pouco sobre Kinzonzi para melhor compreender o que será partilhado neste espaço.

- **Importância de kinzonzi na tradição kongo**

Kinzonzi é utilizado em varias cerimónias como por exemplo: casamento, óbitos, resolução de problemas familiares, divisão ou disputas de bens, entre outros eventos, sejam eles de felicidade ou infelicidade.

Por outro lado, o kinzonzi é a forma diplomática de resolver diferendos entre partes em conflitos ou qualquer outro assunto que envolve disputas, sejam elas amigáveis ou litigiosos. Em alguns casos, Kinzonzi pode ser visto como um tribunal tradicional ou uma reunião de família, ele tem uma importância vital na vida dos bakongo.

Para dirigir o kinzonzi, os bakongo escolhem pessoa dotada de sabedoria e coragem de enfrentar pressão adversária caso for necessário. Esta pessoa é conhecida por Mpovi/Kimpovi ou Nzonzi (Porta voz).

- **Tipo e formato do Kinzonzi**

Kinzonzi é considerado como sendo uma reunião ou forum de concertação de problemas no seio do comunidade kongo. Este encontro de origens diversas, ele pode ter formatos diferentes dependendo do problema a tratar. Na sua abordagem e para fácil entendimento por parte de quem não tem ideia desta tradição, apresentamos dois formatos mais comuns que chamamos por formato simples e formato duplo.

O *formato simples* envolve apenas uma parte em jogo, onde a principal missão é mais informativa e os seus participantes podem fazer perguntas para esclarecimentos. Este como outro formato duplo é apresentado por um Mpovi (porta boz) que tem como suporte o Makunga em representação de cada parte adversa.

O *formato duplo* envolve duas parte na discussão, este é a reuniao mais complexa e também tem origens diversificadas.

Makonzo é o acto de bater palmas. Muito usado no momento do Kinzonzi. Ele transmitem mensagens muito importantes com significado próprio. Para os bakongo, makonzo no kinzonzi é um sinal de respeito e por outro lado ele é a forma de honrar a tradição deixada pelos antepassados. Também serve como forma de solicitação de intervenção, aceitação do que está sendo dito, para além de expressar o sentimento de estar de acordo com o que está a ser trata.

Na dia a dia dos bakongo, makonzo é a linguagem gestual ou forma física de expressar o agradecimento — geralmente acompanhado da expressão verbal “*ntondele ye mfiawukidi*” (obrigado, estou agradecido). Para o plural, a língua Kikongo usa a promonio “*tu*” como prefixo: “*tu tondele ye tu fiawukidi*” (agradecemos e estamos gratos). Este pode ser feita antes de receber algo dado por outra pessoas ou depois de o receber (geralmente quando se trata de ofertas)

Mpovi ou kimpovi, também conhecido como nzonzi, é o porta-voz em representação da(s) parte(s) envolvida(s) na origem do kinzonzi. Ele deve ser dotado de sabedoria capaz de apresentar, defender ou acusar em nome da família ou parte na qual ele representa. Como arma, o mpovi ou kimpovi, precisa de ter bons conhecimentos e boa articulação e domínio da língua kikongo para melhor interpretar a linguagem enigmática que geralmente são apresentadas em formas de provérbios. Para além das atribuições acima

mencionadas, o mpovi ou kimpovi, também é considerado como advogado, juíze ao mesmo tempo diplomata, sábios e astuto pelas suas capacidades de procurar tirar o maior proveito a seu favor.

Um mpovi com experiência consegue dar volta a situações imprevistas, tornar o debate (kinzonzo) numa festa tradicional cheia de emoções e risos, um encanto para os presentes, pois ele, o mpovi, tem esta arte que para ele deixa de ser o que representa para muitos e se transforma numa paixão só ele consegue explicar. Quando o kinzonzi envolve duas partes em discussão, mais emotivo se torna.

Para ser dotados das capacidades e qualidades de um mpovi/kimpovi, é de salientar que não existe uma escola específica para a sua aprendizagem. O como dirigir kinzonzi ou de como ser Mpovi/Kimpovi tudo depende da personalidade de cada um, o interesse que este demonstra nos assuntos que envolve debates. Ser um bom observador e bom orador pode ser de grande interesse.

A verdade é ser mpovi/nzonzi não é algo dado a todos filhos kongo; esta é a grande particularidade encontrada no duz respeito a esta arte se ser mpovi. Ser mpovi e uma art genuina, não é genérico encontrar gente que articula a linguagem de Mpovi/Kimpovi, tanto no seio duma família kongo ou da comunidade bakongo no seu geral. Mesmo nas aldeias onde as tradições tem como acento, nem sempre todos tem esta capacidade. Em muitos casos, há necessidades de recorrer fora do circulo habitual para encontrar um mpovi.

Como no sistema jurídico moderno, os advogados são escolhidos dependendo da gravidade do problema, área de competência ou perícia e experiência; assim se passa nas tradições kongo quando se trata de arranjar o mpovi. Esta exigência não é aplicada em locais onde há pouca gente dotada desta sabedoria. Mas é tarefa do mpovi dar o seu melhor para representar dignamente a parte a sua responsabilidade, procurar ganhar o caso por ele defendido se assim for a missão que lhe é confiada. É claro que na maioria destes encontros envolvendo duas partes, o grande objectivo é de encontrar o equilíbrio, o consenso ou uma plataforma de entendimento e não se tratar de encontrar o vencedor ou o vencido. Para explicar este objectivo na linguagem kikongo, os bakongo utilizam os provérbios “nkenda ma ki fwizazana”; “vova gwizana”.

Para ser Mpovi, esta responsabilidade é atribuída a pessoa que oferece mais habilidade e sabedoria, pessoa que domina a cultura e tradição Kongo. Ele é escolhido numa reunião de concertação a ter lugar momentos antes do início do Kinzonzi. Nesta reunião separada, e onde se esclarece o problema na origem do kinzonzi e ali se define a estratégia do kinzonzi em questão. Esta reunião de dimensão reduzida na tradição bakongo chama-se “fwandu ou fuku”.

Não só é escolhido o Mpovi, também é escolhido o seu assecor que terá como missão acompanhar o orador e completar pontos cujo o Mpovi não foi bem claro ou esqueceu. A entrada do makunga em ação faz-se com apoio de um provérbio kongo que diz “E singa, mwa muna wele lutidi ntumbu, yi muna mpeka landanga” (a linha segue onde a agulha passou primeiro).

É importante assinalar que o respeito pela ordem e detalhes são factores para que o kinzonzi decora num bom clima. O sucesso de qualquer kinzonzi começa na observação dos princípios ou estrutura genérico da pratica deste acto tradicional.

O matriz abaixo ajudará o entendimento da estrutura ou formato do kinzonzi na tradução kongo.

- **Saudações e boas vindas (Nkuwu ou Nkuvu)**

Qualquer acto de kinzonzi, seja qual for a razão na sua origem, a primeira parte é de saudar os presentes no kinzonzo. A este acto, a tradição kongo denomina -lho por Nkuwu (Nkuvu). Nkuwu é símbolo da saudação. É desejar as boas vindas a todos participantes no kinzonzi. A metáfora usada para este efeito diz o seguinte em kikongo: *“vo fulu wele venina mambu, ma kala mafwa vo makuela, kani konso mambu menina vo, na ka yandele tini kia moyo ko, ye zola ka a nzolele ko”* (se fores a um lugar e não te saudar, isto significa que a tua presença naquele lugar é indesejável). Assim sendo, é melhor ir se embora.

Todas intervenções no kinzonzi, assim como o nkuwu, começam e termina com o bater palmas como sinal de respeito pelas pessoas presentes no kinzonzi.

- **Apresentação do nkuwu/nkuvu (forma genérica):**

Depende da inspiração ou preparação de quem tomar palavra para as boas vindas, geralmente é do mpovi tal responsabilidade (mais esta parte pode ser apresentada por um segundo que por sua vez convidará o mpovi para prosequir). Ele pode usar provérbios ou palavras suas que achar convenientes para acolher os presentes, harmonizar e criar um bom clima para o começo do kinzonzi. O importante é de agradecer a presença dos todos, apresentar-lhes as boas vindas e desejar lhes boa estada antes que seja dados oficialmente qualquer detalhe sobre o kinzonzi. Um bom inicio marca o bom ambiente do kinzonzi, apesar de que a própria tradição prova o contrário quando diz no seus provérbio *“Nkunga mbote kuna mfoko* (traduzido como: a boa canção é julgada no fim)”

- **Aceitação do nkuwu ou revindicação por falta dele**

Da mesma forma é feita a apresentação das boas vindas, o jogo da sua resposta obedece os mesmos critérios. Este também depende da inspiração ou preparação de quem tomar palavra para responder. Depois de bater makonzo, ele pode usar provérbios ou palavras suas que achar convenientes para harmonizar e criar um ambiente confortavel para continuação do kinzonzi. O importante é de agradecer o acolhimento se este foi o caso ou criticar e reivindicar a falta do mesmo. Para este último cenário, pode acontecer casos de revindicação da falta de nkuwu e que pode originar ao não entrada em detalhe do kinzonzi, invocando o princípio da própria tradição kongo em diz: a falta do nkuwa significa que os presentes ou a parte adversa (se for o caso) não é bem vindo no local.



Na lógica da tradição kongo, a falta de saudações antes de qualquer apresentação, pode levar os presentes em levantarem-se e sair do kinzonzi. Este é uma teoria lógica para reforçar a importância do nkuwu, mas é uma situação sempre ultrapassada como o ditado “vova wizana” ou “nwa ka kala ye mpambu ko, vila kana ye mpambu”. Quando este é evocado, ele assinala um sessar fogo, uma maneira de pedir desculpa e retomar o kinzonzi segundo seus princípios. Este é uma das razões ao qual mpovi deve ser um sábio dotado de capacidades em dar volta a situações como esta, usando ferramentas existentes na tradição bakongo para ultrapassar os obstáculos no meio do diálogo e apaziguar as partes envolvidas; Uma verdadeira diplomacia tradicional.

É fundamental que haja resposta do nkuwu apresentado para se determinar o seguimento do kinzonzo. Até aqui o clima de kinzonzi será determinado conforme a resposta dada na apresentação do nkuwu. Em parte a resposta dada mostra a vontade e o respeito para ouvir os detalhes do que originou o kinzonzi. Uma maneira de dizer, sim estamos aqui, estamos prontos para ouvir o que tem para nos dizer.

Uma vez satisfeitos os dois primeiros passos, então o primeiro Mpovi (em representação do promotor do kinzonzi) prossegue a apresentação do problema ou assunto principal na base da origem desta reunião tradicional.

Durante o kinzonzi, o mpovi/kimpovi propõe à parte adversa o assunto (ele deve estar bem aparte do mesmo para melhor apresentar-lo), apoiando-se dos seus conhecimentos tradicionais (mais relevantes o uso dos provérbios). Ele (mpovi) deve ter capacidades de codificar e decodificar a linguagem usada no kinzonzi, geralmente dominada pelas enigmas que por sua vez representadas por provérbios conforme já adiantado. Este labirinto enigmática vai se desenrolar até encontrar solução satisfatória na sua totalidade ou parcialmente caso que não se chegue a uma conclusão final, o que geralmente acontece pouco.

No decorrer do kinzonzi, é possível que uma parte envolvida nele tenha a necessidade de se retirar para uma consulta rápida (breve encontro separado de concertação de ideias) na sequência de algo que o mpovi não está seguro ou ter dúvidas que requer esclarecimento antes de prosseguir o debate (kinzonzi). A estas interrupções para fins consultivos — os bakongo chamam por “fwandu/fuku”. Este fwandu por sua vez por sofrer o mesmo que sofreu o kinzonzi, dividir-se em partes — outro labirinto nas reuniões bakongo.

Muitas vezes o fwandu/fuku é causada por situações não previstas, situações fora do conhecimento do mpovi, insuficiência de informação ou falta dela, também pode ser por estar fora da zona de conforto do Mpovi. Ele — o Mpovi — pode solicitar uma ausência momentânea para consultar outro parceiro do grupo e assegurar uma posição que lhe permite prosseguir com o kinzonzi. Esta interrupção pode resultar em adiamento do kinzonzi para outro dia, embora são raros os casos que levam a situações como esta. Não há limite para estas interrupções, elas podem acontecer em qualquer altura e ocorrência ilimitado durante o kinzonzi. Ambas partes caso do kinzonzi de formato duplo, têm o mesmo direito nesta matéria.

Para pedir uma interrupção do kinzonzi para consulta, o mpovi pede licença de ausência batendo makonzo e explicando a razão para tal numa forma diplomática, usando enigmas ou provérbios. Uma das frases mais famosas usadas é **“tuenda tu yivula e ndona nketo ka vovilanga va ntandu a nkongolo ko”** or **“tuenda tu yivula e ndona nketo ka**

**vovilanga va ndonga ko**” traduzido em português: vamos consultar a senhora que não fala no público. Não existe discurso previamente estabelecido para este efeito, tudo depende da criatividade do mpovi. Abaixo um exemplo em kikongo para ajudar no entendimento deste ato.

Qualquer intervenção no kinzonzi seja ela do mpovi ou makunga, passando por outros intervenientes presente, esta deve obedecer a regra do respeito estabelecido. O interveniente deve pedir a licença para que lhe seja dada a palavra. Esta licença é marcada pelo acto das mãos, batendo o famoso makonzo. Também é de notar que o makonzo só se pode bater aquando de uma pausa ou silêncio para chamar a atenção de todos. Por sua vez, a autorização e marca com resposta de outro makonzo vinde dos público presentes ou da parte adversa se for o caso.

A tradição kongo esta baseada num espírito federalista onde existe formas genéricas adaptáveis segundo família, clã ou zonas geográficas. Isto é devida as diversidades que existem na própria cultura kongo, em parte por razões étnicas e geográficas.

A tradição kongo esta baseada num espírito federalista, existem formas genéricas adaptáveis segundo família, clã ou zonas geográficas. Isto é devido as diversidades que existem na própria cultura kongo, em parte por razões étnicas e geográficas, assim como as próprias variantes da língua kikongo. Os costumes ou observações tradicionais dependem destas divisões e variantes. Não é de estranhar ver duas aldeias apenas divididas por um rio, mas ter costumes diferentes, pois trata-se de dois povos de etnias diferentes. Neste caso, a separação não é uma mera divisão geográfica, os rios os identificam de forma diferentes e essas diferenças definem os seus hábitos e costumes que por sua vez as mesmas influenciam como observar as tradições e costumes kongo.

### **Alambamento ou dote (nkama longo)**

Durante o kinzonzi do nkama longo, na tradição bakongo, não existe um preço unitário determinado pela tradição, a família da futura esposa propõe um preço em muitos casos exorbitante como ponto de partida e que certamente não vai espantar a parte da família do futuro marido. O mpovi que representa o (a família do noivo) futuro marido, pode pedir a interrupção do kinzonzi para uma reunião separada com fins de acertar a resposta apresentada e contrapor a proposta depois desta breve reunião. A esta separação ou interrupção os bakongo chamam por “fwandu/fuku”.

Como resultado da reunião, geralmente o valor a contrapor é sempre mínimo e ridículo muito longe do valor realmente aceite na reunião. Isto para criar um debate e animar o kinzonzi, parte do jogo tradicional. Este pode durar varias horas ate dias em alguns casos. Mas apesar do vai e vem que as vezes isto provoca, ambas partes acabam sempre por se entender.

Lembramos aqui que todas intervenções durante o Kinzonzi começam por Makonzo que pode ser acompanhado do slongan verbal kikongo ex: **edi a kongo, ewu tusidi, tambula kunzo, etc...**

## **Chegada dos participantes**

- O responsável ou “mfumu kanda/Ki Se” convoca o “fwandu/fuku” para concertação e explicação mais detalhada do problema, definição da estratégia para o kinzonzi.
- Escolha do Mpovi e Makunga confiando lhes as recomendações estratégicas saída do fwandu. Sempre é do melhor interesse que o Mpovi esteja bem dentro do assunto a ser tratado para evitar situações imprevistas ou interrupções constantes que pode perturbar a ordem do dia.

## **Entrada (*Início do Kinzonzi*)**

- Yala Nkuwu (Palavras de boas vindas): Este é feito por Mpovi/Nzonzi (porta voz) da parte anfitrião  
Exemplo:
- Tonda Nkuwu (Agradecer o Nkuwu): Dependendo do formato do Kinzonzi,
  - a. Formato simples – Qualquer pessoa inspirada com conhecimentos da tradição kongo, pode responder em nome de todos presentes.
  - b. Formato duplo – Normalmente oMpovi da parte adversa e responsável para responder.

## **Principal (Tratamento do Assunto)**

O Mpovi anfitrião retoma a palavra e explica a situação ou faz detalhe do problema. Cabe a ele a responsabilidade de coordenar o andamento do kinzonzi, respondendo a perguntas ou solicitações feitas durante este evento.

O Mpovi pode solicitar uma reunião de concertação no decorrer do kinzonzi, obrigado uma suspensão temporária.

A última palavra é do “Mpovi” anfitrião que vai anunciar o fim do kinzonzi. Em muitos casos, o fim do kinzonzi não significa fim do encontro em toda sua extensão, mas apenas o fecho da parte do debate enquanto o convívio em si pode continuar até a saída de todos visitantes — razão ao qual no “Nkwu” (boas vindas) faz-se logo a referência de desejo do bom regresso, até porque pode não haver mais oportunidade para uma despedida formal.

## **Fecho (*Termino do Kinzonzi*)**

Nos encontros (Kinzonzi) normais, o fim é anunciado diplomaticamente. No decorrer do Kinzonzi, o Mpovi pede uma intervenção anunciando previamente para os presentes não assustarem caso não verem mais a sua presença. Se isso vir a acontecer, ele teria já ausentado. Estas palavras são em nome da parte que este representa. Este é a forma sabia usada para não interromper brutalmente o encontro que geralmente entra numa atmosfera convívial (em muitos casos, comes e bebes, conversas etc...)

## Contos e lendas em kikongo

Alguém se lembra daqueles tempos a volta da fogueira, onde o mais velhos era o narrador, contando historias, aqueles contos e lendas que não passava de um género de sketch para os mais novos. Se não viveu este tempo pode ser que já ouvi falar dele. Hoje isso não existe! Mais por trás deixou saudades que gostaria reviver ou contar se eu me lembrasse de alguns.



Para quem não faz ideia do que se trata, as lendas ou fábulas são narrativas orais, transmitidas de geração para geração, que objectivam explicar mistérios e acontecimentos sobrenaturais. Na história do povo Kongo existem muitos lindos contos, muitas lendas ou fábulas que muitos gostariam de conhecer. Alias, muitas destas fábulas podem ajudar a compreender a origem de muitos provérbios em kikongo.

## Óbitos nos bakongo

Para os bakongo, a morte é também um evento cultural como qualquer outro, pois ela obedece os rituais tradicionais. Na realização da cerimónia fúnebre é preciso observar todos detalhes da cultura tradicional kongo. Nela podemos mencionar o respeito e observação pelos costumes, as crenças e outros mitos associados a cultura do povo kongo. A morte nunca é visto como sendo estranho para o povo kongo, pois, os bakongos acreditam sem tabu, que a vida tem um princípio e um fim; que a vida é uma viagem cujo o término, a morte. Não é de estranhar que a morte nos bakongo é algo vivido no seu quotidiano. A cultura kongo faz muitas referências a morte e dedica uma particular atenção a ela – algo expressa nos pensamentos, em músicas ou cânticos. Existem muitos provérbios com referência a morte assim como as lendas e contos kongo não excluem esta realidade chamada morte.

A cultura kongo tem uma característica muito particular no que diz respeito a morte. Os óbito nos bakongo são outras formas de reuniões familiares, o que é feito logo terminadas as cerimónias fúnebres. Os momentos a seguir após o funeral propriamente dito servem de concertações e reforço das relações familiares, um ‘check up’ da vida familiar e alerta a vigilância, assim como apelo na necessidade de uma coesão mais forte no seio da família.

Comparando o passado e o presente, hoje observa-se mudanças na forma como é tratado ou vivido o problema da morte, sobre tudo quando se trata das grandes cidades. As culturas tradicional não são observadas como deveriam -ser. Apesar das mudanças do tempo afetada pelo modernismo e globalização, também há outros factores influentes :- a falta de conhecimento destas práticas e por outro lado a influência das outras culturas onde as tradições bakongo não é exceção deste golpe. Sim, como assimia adiantado, existe uma falta na observação da cultura e tradições kongo, como consequência não só da globalização e influência de outras culturas importadas que vão se sobrepondo às culturas tradicionais — assim como da falta de conhecimento das tradições nacionais por parte

das novas gerações que preferem apostar na modernidade em detrimento da cultura tradicional.

É preciso que o homem africano volte onde se perdeu para viver a sua própria cultura. Cada ser humano tem uma cultura que o identifica como tal e não há cultura superior a outra cultura humana na face da terra, apenas um certo complexo na aceitação da própria cultura — pensando que a cultura dos outros é superior. Enquanto este sentimento dominar nos africanos, não haverá o respeito que as tradições bantus em geral e kongo na sua particularidade, reservam na observação de cerimónias fúnebres. Notasse muita falta de sensibilidade que leva a comportamentos não apropriados de pessoas nos locais do óbito. Os mortos não são mais respeitados, sepulturas violadas, cemitérios assaltados, tudo esta acontecendo no mundo actual. Os locais do óbito se tornaram em lugares para show biz, com certa indiferença, extravagância de pessoas só para citar alguns. Existe de fato a necessidade de voltar as raízes e abraçar as culturas tradicionais para repôr o respeito que os mortos merecem.

### **Ritos observados nos óbitos dos bakongo**

O processo funerário na cultura kongo é muito complexo. Em dias de hoje, nem todas as práticas são observadas por razões diversas. Neste tópico, apenas se faz referências às práticas mais observadas nas comunidades bakongo.

- **Nkuwu** tem uma grande importância na abertura de qualquer cerimonia tradicional bakongo. Óbitos e uma delas. Nkuwu e a forma pratica de cumprimentar a pessoa que veio ao óbito, é uma forma de respeitar, forma harmoniosa e de delicadeza e de educação de colher a pessoa na tradição bakongo. Também pode se dizer que e a forma de desejar boas vindas a todos que vieram participar e compartilhar a tristeza que abateu a família enlutada.
- **Makonzo**, faz parte do Nkuwu, não chá nkuwu sem o makonzo. O acto de bater makonzo tem uma outra importância. Apesar de fazer parte do Nkuwu, Makonzo aplica-se em muitas outras ocasiões na vida dos bakongo.

A tigela de contribuição conhecida no meio dos kongo como “*nkutu a nsimbani*” (pasta segurada por todos ou num outro termo equivalente “*kinzu kia mate*” (panela de cospe que deve se encher), são as metáforas mais usual para explicar a importância de contribuir quando ocorre um óbito na comunidade. Como se trata duma panela de cospe que deve se encher, isto mostra claramente que é impossível uma única boca encher a panela, mas todo mundo cospindo nela, com certeza, ela ficará cheia.

Esta é uma prática antiga apresentada como um dos costumes deixados pelos antepassados. Quando morre alguém, depois de comunicar o falecimento à família, coloca-se a tigela da contribuição sobre uma mesa, onde os participantes do óbito devem se dirigir para apresentar suas contribuições que vão servir para enterrar o cadáver. A este ritual os bakong chamam por “*kinzo ki mate*” (marmitta de saliva)

Para entregar a contribuição, a pessoa faz a sua apresentação acompanhada de bater palmas como sinal de respeito para que seja conhecido, tanto ele próprio como também a sua contribuição, pelos responsáveis do óbito. Por sua vez, os responsáveis desse óbito retribuem palmas ao quem está dar contribuição como sinal de respeito e agradecimento pela contribuição feita.

Uma prática observado até em dias de hoje. Os bakongo defende este rito apoiando-se no famoso provérbio kikongo “Nzo ka natwa, vumu ka ki siswa” o outro provérbio que aponta na mesma direção e “E lufwa ye madia ka a vambananga ko“. A questão da herança é tratada no dia do término do óbito. Após a cerimónia de levantamento entre o kise, kanda.

Uma prática que não e totalmente observada visto que a realidade dos tempos modernos não o permite. Mais, dependendo dos sítios, esta prática é parcialmente observada pelos familiares direitas do falecido. Assim nas areas remotas como aldeias, a prática tem mais peso do que nas zonas urbanas onde as atividades laborais são mais diversificadas.

Assim sendo, todos familiares direitas do falecido, seja eles da parte paterna ou da parte materna, depois de receber a notícia do seu falecimento do seu familiar, eles deixam de trabalhar desde aquele momento até o dia que será dado como terminado o óbito. Neste último dia se dará a resolução final, marcado como fim do óbito e liberar todos numa cerimónia de carácter especial dirigida pelo chefe da família paterna (tata) e do chefe da família materna (mfumu kanda). Nesta cerimónia será anunciado que cada um retome as suas atividades como normal.

## CONCLUSÃO

Com a presente dissertação, acompanhada de encenação teatral, concluímos que a cultura Bakongo, apesar do tempo, preserva ainda, preserva seus costumes e hábitos desde os primórdios. Esta acção, taxativamente, demonstra a sua valorização cultural e tradicional no seu dia a dia. Essa acção, incentiva cada pessoa a demonstrar respeito e valorização pela cultura de sua origem, sendo que mostrará quão respeito tem pelos seus antepassados.

## NOTAS BIBLIOGRAFICAS

*Topico: Conheça o povo bakongo*

**Post by:** cPM – Patricio Mamona Chief Feature Writer

[starbox]

*cPM eWriter – 2017 – Tukala Ndonga, Tulonga mpe Tulongoka Kikongo*